



GT 45. Etnografias da natureza: repensando dualidades

Coordenador(es):

Glúcia Oliveira da Silva (PPGMA UERJ)

Bernardo Lewgoy (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 1

Debatedor/a: Caetano Kayuna Sordi Barbará Dias (IPHAN)

Sessão 2

Debatedor/a: Annelise Caetano Fraga Fernandez (UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

A postura relativizadora que acompanhou o desenvolvimento da Antropologia como disciplina vem ganhando novos contornos com a crítica ao antropocentrismo e ao determinismo cultural. Com esse GT, pretendemos discutir textos teóricos ou etnográficos que instrumentalizem a compreensão sobre práticas humanas de modo a questionar a existência de um grande divisor e todas as outras fraturas dele decorrentes. Nessas últimas incluímos, a título de exemplo, as dicotomias presentes em contextos de colaboração, predação ou activity produtiva, estabelecidas por grupos humanos com outros seres vivos; são algumas delas: selvagem/domesticado/animais de companhia, caçador/caça, pescador/pescado, agricultor/culturas, etc. Outras oposições, tais como espécies nativas/ espécies exóticas, saber científico/saber popular/tradicional, podem ser acionadas quando espécies se tornam alvo de preservação ou de extermínio. Nas práticas científicas podem surgir ainda as distinções entre sujeito/objeto, pesquisador/cobaia, homem/máquina, artificial/natural, moderno/tradicional e seus desdobramentos. O GT pretende assim reunir trabalhos que convidem a pensar em novas possibilidades de descrever, analisar e interpretar esses e outros contextos, que vão deixando de ser exclusivamente sociais, como queria a antiga Antropologia, pressupondo a dissolução das fronteiras entre natureza e sociedade/cultura, na prática etnográfica.

Protegido/urbanizado: o que as areias da restinga podem dizer sobre a história de Maricá (RJ)

Autoria: Matheus da Rocha Leite Antonio (Instituto), Viviane Fernandez Rosana Temperini

Este resumo deriva da formulação teórica de um work de conclusão de curso (Ciência Ambiental). Desde uma perspectiva antropocêntrica, ambientalista e convencional, a história da restinga de Maricá é descrita considerando as intervenções humanas moldando a natureza, sejam elas do tipo negativa (modificadora) ou do tipo positiva (mantenedora). Tal oposição, urbanizado/protegido, repete a dicotomia entre o social e o natural, comum às políticas de conservação e aos discursos científicos (Diegues). O antropólogo das ciências Bruno Latour nos sugere que, diante de uma situação como esta, não tomemos partido rapidamente, buscando resolver a controvérsia, mas que adotemos a própria dualidade como objeto de estudo. Pensando então sobre a dicotomia urbanizado/protegido, recorreremos às contribuições do geógrafo Erik Swyngedouw, para o qual as cidades são híbridos sicionaturais (nem puramente sociais, nem puramente naturais). Este autor toma como exemplo um copo d'água para dizer que, a partir de um único elemento dessa cidade híbrida, podem ser descritas múltiplas relações. Nos questionamos, então: considerando a restinga como um híbrido sicionatural, que elemento poderia ser utilizado para descrever sua história, interligando atores humanos e não-humanos e contribuindo para a superação da dicotomia protegido/urbanizado? E ainda, poderiam as areias representar esse elemento? Foi a impossibilidade de desapropriação de grande parte do



terreno (arenoso) da restinga, à época da criação da Área de Proteção Ambiental de Maricá, que abriu brechas para atual proposta de instalação de um megaempreendimento turístico, imobiliário e "ecológico". Há Ciência, cientistas e atores sociais que se valem de argumentos técnico-científicos contestando os distintos planos para a área. Seguindo esses distintos planos os atores se multiplicam: alguns jornais, Estudo de Impacto Ambiental, pesquisadores e representantes do poder público apresentam a ideia de que a intervenção urbanística e modificadora é desejada pela população, indispensável à economia e ao desenvolvimento regional. Em oposição, Ministério Público, outros pesquisadores, movimentos sociais e pescadores evidenciam violações de direitos humanos e projetos de uso distintos para a região, mais ligados a uma perspectiva mantenedora. No entanto, para além de apresentar dois lados opostos, é a dinâmica entre eles que nos interessa descrever. Apostamos que o referencial teórico-metodológico da teoria ator-rede poderá nos auxiliar no desafio de superação da dicotomia protegido/urbanizado, bem como de outras dualidades, conforme contribuiu nas teses de doutorado sobre as águas minerais do sul de Minas (Raphael Vianna) e sobre a Reserva Florestal Thomas Van der Hammen (Gisele Osorio), nas quais esse work se inspirou.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: